

## PSICOLOGIA SOCIAL E VIOLÊNCIA JUVENIL: UMA ANÁLISE PSICOSSOCIAL SOBRE A CHACINA DO CURIÓ

**Ilana Ellen Mesquita Ávila**

Discente - Centro Universitário Fametro (UNIFAMETRO)

[ilana.avila@aluno.unifametro.edu.br](mailto:ilana.avila@aluno.unifametro.edu.br)

**Antonio Alan Madeira Sales Junior**

Discente - Centro Universitário Fametro (UNIFAMETRO)

[antonio.junior01@aluno.unifametro.edu.br](mailto:antonio.junior01@aluno.unifametro.edu.br)

**Maria Adriane Gomes Nascimento**

Discente - Centro Universitário Fametro (UNIFAMETRO)

[maria.nascimento11@aluno.unifametro.edu.br](mailto:maria.nascimento11@aluno.unifametro.edu.br)

**Kezia Vitoria Paulo Pereira**

Discente - Centro Universitário Fametro (UNIFAMETRO)

[keziavitoria570@gmail.com](mailto:keziavitoria570@gmail.com)

**Profa. Ma. Amanda Livia Cavalcante**

Docente - Centro Universitário Fametro (UNIFAMETRO)

[amanda.cavalcante@professor.unifametro.edu.br](mailto:amanda.cavalcante@professor.unifametro.edu.br)

**Área Temática:** Psicologia Social e Comunitária.

**Área de Conhecimento:** Ciências Sociais Aplicadas.

**Encontro Científico:** Conexão Unifametro 2025.

### RESUMO

**Introdução:** O presente trabalho consiste em uma análise psicossocial da Chacina do Curió, considerada a maior do estado do Ceará, ocorrida em novembro de 2015 em Fortaleza, quando policiais militares encapuzados assassinaram onze jovens, em sua maioria negros, periféricos e adolescentes, sem qualquer ligação com o crime que motivou a ação policial. **Objetivo:** Objetivamos compreender os marcadores sociais das vítimas e refletir sobre os impactos das violências urbanas como processos de violações estruturais de direitos humanos. **Metodologia:** A metodologia se trata de análise documental de abordagem qualitativa, fundamentado em reportagens, falas de familiares enlutados, materiais audiovisuais e bibliografia da Psicologia Social Crítica. O material coletado foi analisado a partir de categorias como representações sociais e consequências psicossociais. **Resultados:** Os resultados indicam que os jovens vitimados foram socialmente representados como corpos descartáveis, atravessados por estigmas de raça, classe e território. A análise revelou impactos psicossociais profundos, incluindo traumas, medo de agentes militares, sentimentos de abandono institucional e revolta com a justiça. **Considerações:** Conclui-se que a Psicologia Social contribui de forma significativa para a compreensão do fenômeno analisado, permitindo uma reflexão crítica sobre os efeitos subjetivos e coletivos da violência do Estado e reforçando a necessidade da defesa dos direitos humanos e da dignidade juvenil.

**Palavras-chave:** Violência Juvenil; Psicologia Social; Curió; Representações Sociais.

## INTRODUÇÃO

O objeto de estudo analisado é a Chacina do Curió, o evento ficou conhecido como a maior chacina do estado do Ceará. O tema foi escolhido pelo enorme impacto na história dos familiares e comunidade onde ocorreu, até hoje marcado por injustiças e violações de direitos humanos. O crime ocorreu nos dias 11 e 12 de novembro de 2015, em Fortaleza, no bairro Curió-Messejana. Mais de trinta e 30 policiais militares encapuzados feriram, torturaram e mataram moradores do bairro de Curió, houve onze assassinatos, a maioria adolescentes de 16 a 19 anos. O caso reúne, ao todo, 30 réus e 16 acusados. Apenas em 2023, oito anos após a chacina, quatro dos policiais militares acusados receberam a sentença de mais de 200 anos de prisão, e um recebeu 13 anos por tortura. (G1 CE, 2023).

Não assassinaram apenas jovens e pais de família naquela madrugada de 2015, assassinaram sonhos, histórias e futuros. Feridas incuráveis e vidas marcadas para sempre. As violências urbanas, como fenômeno social complexo têm origens multidimensionais, não podendo ser reduzida a explicações deterministas, entretanto, uma afirmação possível é que são jovens, periféricos e em maioria negros as maiores vítimas das violências urbanas (Barros; Paiva 2018).

O objetivo deste trabalho é realizar uma análise psicossocial sobre a chacina do Curió, analisar os marcadores sociais e os impactos a partir da perspectiva da Psicologia Social Crítica. É necessária uma compreensão sobre os marcadores sociais da diferença, se trata de construções sociais que distinguem e hierarquizam grupos com base em raça, gênero, classe, sexualidade e outros aspectos. Eles revelam como a sociedade atribui valores e estereótipos que produzem desigualdades e exclusão social. A Psicologia Social Crítica é uma aliada para compreendermos fenômenos complexos, tendo em vista que, sua produção de conhecimento reconhece os fenômenos sociais como parte da subjetividade dos indivíduos, tal como suas práticas, discursos e simbolizações (Lane, 2006). A metodologia consiste em uma análise documental de abordagem qualitativa, os documentos analisados foram os noticiários e o site oficial da Defensoria Pública do Ceará.

A pertinência dessas análises está além da produção acadêmica em psicologia, se trata da necessidade de questionamentos constantes das violências que vitimizam sempre os mesmos corpos, com modos semelhantes e que geram diversos impactos psíquicos, sociais, políticos e de sobrevivência diante do extermínio juvenil. Refletir sobre problemas que atingem a vida humana, os direitos humanos e o bem-estar é um dever fundamental para acadêmicos e profissionais de psicologia, tratando-se de uma questão ética e profissional.

## METODOLOGIA

A metodologia do estudo se caracteriza como uma análise documental de abordagem qualitativa, que tem como objetivo a análise psicossocial das vítimas da Chacina do Curió. Para construção foram utilizadas reportagens, notícias, recortes, pesquisas e até mesmo falas das vítimas enlutadas do crime. As análises dos materiais foram realizadas pela óptica dos seguintes autores: Silvia Lane (2006), Achille Mbembe (2018), Moscovici (2015), João Paulo Barros e Luiz Fábio Paiva (2018).

Segundo Lima Junior et al (2021, p.37) acerca da análise documental como metodologia de pesquisa:

Análise Documental pode ser desenvolvida a partir de várias fontes, de diferentes documentos, não somente o texto escrito, uma vez que excluindo livros e matérias já com tratamento analítico, é ampla a definição do que se entende por documentos incluindo-se dentre eles, leis, fotos, vídeos, jornais etc.

Torna-se indispensável mencionar que por se tratar de uma análise documental. A pesquisa baseou-se em diferentes fontes acadêmicas e midiáticas foram articuladas para sustentar as reflexões propostas. O artigo “Pacificação nas periferias: discursos sobre as violências e o cotidiano de juventudes em Fortaleza” (2018). O trabalho de Carmo, Alessandra e Cristiana (Breves observações sobre a teoria das representações sociais de Serge Moscovici e a interdisciplinaridade, 2015).

O estudo buscou analisar as consequências psicossociais da Chacina do Curió a partir das falas de mães enlutadas presentes em noticiários (G1-CE e Defensoria Pública do CE), como, “Famílias de vítimas da Chacina do Curió aguardam sentença da 3ª fase do julgamento” (2023), “Saiba mais sobre o movimento de mães e familiares que lutam por justiça” (2024) e “Transformei o meu luto em luta”, diz mãe de jovem morto na Chacina de Messejana (2024), e por vídeos, podcasts e redes sociais. Desenvolvido ao longo de dois meses, contou com pesquisas bibliográficas sobre violência juvenil e marcadores sociais da diferença, tendo as análises registradas em caderno de campo. Para interpretação, mobilizou autores como Mbembe (2018), Silva, Carmo e Silva (2015), Barros e Paiva (2018), entre outros, permitindo evidenciar como a violência de Estado se inscreve nos corpos juvenis, periféricos e negros, articulando-se aos núcleos de representações sociais e impactos psicossociais.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As discussões e resultados consistem na análise das representações sociais dos jovens vitimados e dos impactos psicossociais. Parte da análise que as representações sociais são modos de pensamentos comumente presentes na vida cotidiana e que se sustentam historicamente por meio das produções de sentidos e significados organizados pelo entendimento das coletividades (Silva, Carmo e Silva, 2015) isso é, a maneira que discursivamente apresentamos o que pensamos ser algo ou alguém. Em específico, nesta análise apontaremos para algumas representações sociais, que são: o bairro em que aconteceu os homicídios, quem eram as vítimas, o que faziam elas antes dos assassinatos, como aconteceram as mortes e a luta das mães dos meninos.

O bairro Curió, localizado na periferia de Fortaleza, na região da Messejana, é historicamente marcado por estigmas que o associam à insegurança, à distância do centro da cidade e à marginalização. Conforme o sociólogo Luiz Fábio Paiva (2007), ao analisar o bairro Bom Jardim, a superexposição da violência nas áreas desprestigiadas criou uma doxa sobre os bairros populares, pautada na homogeneização de suas diferenças, sem considerar as distinções de suas populações. Isso significa que, no imaginário popular, todos os moradores das periferias seriam iguais e igualmente ligados à violência, pensamento que estigmatiza toda a comunidade. Essa lógica produz uma banalização do homicídio, evidenciada em perguntas como “quem eram eles?” ou “o que fizeram para a polícia atirar?”, naturalizando a violência de Estado sobre determinados corpos. Foi o que ocorreu na chacina de 2015, quando adolescentes como Álef Souza Cavalcante, engajado em projetos sociais e sonhando em transformar sua comunidade, foram mortos por policiais e tiveram sua cidadania e direitos questionados. Nesse contexto, a ideia de que a polícia protege se revela como construção do imaginário social, pois, embora alguns policiais sejam agentes de proteção, outros se tornam protagonistas de violências brutais. A dor da mãe de Álef, Edna Cavalcante, ao ouvir que seu filho era tratado como marginal apenas por ter sido assassinado por policiais, reafirma a dualidade socialmente construída entre “policial” e “bandido”.

Tendo em vistas os 11 mortos, sendo eles jovens, periféricos, pardos e negros adentramos nas complexas interações entre diferentes sistemas de opressão e discriminação, como gênero, raça, classe social, orientação sexual e outros. Essas categorias de identidade estão intrinsecamente ligadas e se afetam reciprocamente, levando a vivências de opressão e discriminação específicas para aqueles que se encontram em posições interseccionais. Achille Mbembe (2018) chama atenção para uma “política da morte”, resumido no conceito de necropolítica tal pressuposto é sustentada por uma expressão máxima da soberania das

instituições capazes de ditar quem pode viver e quem deve morrer, no caso do Curió, os meninos assassinados eram corpos inseridos nessa política, seguindo esse ponto de vista, também podemos considerar que quando se trata de raça e classe social os estereótipos são reforçados sobre um estado que “combate à violência” e “combate às drogas” através de políticas de proteção. São adolescentes e jovens negros inseridos nas periferias urbanas. que encarnam cotidianamente a figura de inimigos internos e alvos das forças militarizadas de segurança inseridos subalternamente no fogo cruzado das disputas territoriais pelas facções (Barros et., al 2018).

Em conclusão, os impactos psicossociais não aparecem no noticiário, tampouco podem ser totalmente representados em um trabalho científico. Chacinas e outras ocorrências brutais são frutos de um sistema falho que é estruturalmente racista e produz a todo momento equipamentos, projetos de intervenção baseados na necropolítica. Esse sistema oprime cada vez mais essas camadas socioeconomicamente desprivilegiadas, o caso do Curió deixa mais evidente como o sistema lida com esse tipo de barbárie, retirando de si mesmo a responsabilidade de garantir segurança pública para os jovens e procurando culpados fictícios. O crime gerou diversos impactos biopsicossociais irreversíveis para os sobreviventes, a família, amigos e comunidade. Nas análises dos materiais foi possível concluir um aumento dos sentimentos de insegurança nos trajetos urbanos, medo de agentes militares, sensação de abandono de assistência social, traumas psicológicos, doenças psiquiátricas, sequelas físicas geradas pelas torturas de agressões dos assassinos, revoltas com a justiça brasileira, repúdio ao poder público cearense, entre outros impactos. As famílias do Curió compreendem, a sua forma, que a necropolítica é uma política de Estado e que a morte de seus entes foram consequência de uma série de negligências municipais e estaduais quanto à segurança pública. Desde o ocorrido, figuras políticas municipais e estaduais foram pressionados por respostas, mas sempre houve uma omissão. “[...] o estado nunca nos pediu desculpa, entendemos que se o Camilo (governador da época) pedisse desculpa para gente, ele estaria assumindo um erro do estado, mas nunca houve [...]” diz a mãe de Álef Souza, Edna Carla Souza no podcast “As cunhãs”. É notável que as consequências de um acontecimento traumático são demasiadamente difíceis e complexas, e apesar do pedido de desculpas ser um ato institucional importante por parte do Poder Público, vivenciar a dor cotidiana é uma experiência inenarrável.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos com esse trabalho que a Psicologia Social tem muito a contribuir com questões complexas e multidimensionais como a violência, oferecendo conceitos teóricos-metodológicos para a compreensão da produção de subjetividades impactadas com diversos problemas sociais. As aprendizagens foram múltiplas, uma delas a relação entre direitos fundamentais da juventude e o papel dos psicólogos como profissionais que estão na luta para a segurança desses direitos. O trabalho nos exigiu uma árdua atividade de pesquisa sobre o caso, provocando, muitas vezes, uma sensação de revolta e impotência. Ler, pesquisar e escrever sobre violência urbana em um dos estados que mais exterminam jovens, negros e periféricos não é uma tarefa trivial, porém, é uma necessidade de observar a realidade e enxergarmos qual a nossa função enquanto futuros psicólogos nessas violações de direitos, assim como, em contrapartida, foi enriquecedor saber que podemos ser agentes ativos na defesa dos direitos humanos e da dignidade dos grupos sociais historicamente subalternizados.

## REFERÊNCIAS

BARROS, João Paulo; PAIVA, Luiz Fábio; PEREIRA, Maria Clara; SOUZA, Rafael; LIMA, Ana Beatriz. "Pacificação" nas periferias: discursos sobre as violências e o cotidiano de juventudes em Fortaleza. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 9, n. 1, p. 117-128, 2018.

CARMO, Gerson; SILVA, Alessandra; SILVA, Cristiana. Breves observações sobre a teoria das representações sociais de Serge Moscovici e a interdisciplinaridade. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia, Londrina**, v. 6, n. 2, p. 59-70, dez. 2015.

DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DO CEARÁ. Saiba mais sobre o movimento de mães e familiares que lutam por justiça. Defensoria Pública do Estado do Ceará, 2024. Disponível em: <https://www.defensoria.ce.def.br/noticia/curio-maes-que-lutam-por-justica/>. Acesso em: 19 maio 2024.

G1 CEARÁ. Famílias de vítimas da Chacina do Curió aguardam sentença da 3ª fase do julgamento: “Não podemos continuar pagando a bala que mata nossos filhos”. G1 Ceará, 16 set. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2023/09/16/familias-de-vitimas-da-chacina-do-curio-aguardam-sentenca-da-3a-fase-do-julgamento-nao-podemos-continuar-pagando-a-bala-que-mata-nossos-filhos.ghtml>. Acesso em: 19 maio 2024.

G1 CEARÁ. “Transformei o meu luto em luta”, diz mãe de jovem morto na Chacina de Messejana. G1 Ceará, 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/ceara/noticia/transformei-o-meu-luto-em-luta-diz-mae-de-jovem-morto-na-chacina-de-messejana.ghtml>. Acesso em: 19 maio 2024.

LANE, Silvia T. Maurer. O que é psicologia social, 22ª ed. São Paulo : Brasiliense, 2006.

LIMA JUNIOR, Edson Borges; OLIVEIRA, Gabriela Souza; SANTOS, Ana Carolina Oliveira; SCHNEKENBERG, Gustavo Felipe. Análise documental como percurso metodológico na pesquisa qualitativa. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 44, 7 abr. 2021.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*.

Tradução de Renata Santini. 3. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

PAIVA, Luíz. CONTINGÊNCIAS DA VIOLÊNCIA EM UM TERRITÓRIO ESTIGMATIZADO: **Dissertação, Programa de pós-graduação em Sociologia - PPGS, Mestrado.** Universidade Federal do Ceará. p. 13, 2007.